

ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA E ADMINISTRATIVA DA 1ª FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO – CEPAE DE 1992 A 2010

SÔNIA SANTANA DA COSTA*
ATAÍDE FELÍCIO DOS SANTOS**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a trajetória histórica das formas de organização administrativo-pedagógica do trabalho desenvolvido na Primeira Fase do Ensino Fundamental do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – Cepae/UFG, durante o período de 1992 a 2010.

PALAVRAS-CHAVE: 1ª Fase do Ensino Fundamental, organização administrativa e pedagógica

Pedagogical and administrative organization of primary education at the Center for Teaching and Applied Research in Education – Cepae from 1992 to 2010

ABSTRACT

This paper sets out to present the historical path of the forms of administrative and pedagogical work undertaken in Primary Education at the Center for Teaching and Applied Research in Education - Cepae / UFG, during the 1992 – 2010 period.

KEYWORDS: primary education, administrative and pedagogical organization

O ano de 1992 significou um marco importante na história do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Goiás – CA/UFG, tanto no que tange ao aspecto administrativo quanto ao aspecto pedagógico. Administrativamente, esse ano foi distinguido por intensos debates no âmbito da UFG, notadamente no Fórum de Licenciaturas, sobre a finalidade e vinculação institucional do CA.

O Colégio de Aplicação é reconhecido como campo de estágio para os alunos dos diversos cursos de licenciatura, por isso mesmo sua vinculação administrativa a somente uma unidade acadêmica, nesse caso à Facul-

* Professora no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – Cepae/UFG. Doutora em Educação pela FE/UFG. E-mail: ssc444@gmail.com

** Professor no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – Cepae/UFG. Mestre em Educação Brasileira pela FE/UFG. E-mail: ataidefelicio@yahoo.com.br

dade de Educação, como Departamento de Estudos Aplicados à Educação – Deae/FE foi o principal ponto questionado no âmbito do Fórum. Como resultado dessas discussões, o Fórum de Licenciaturas, sob a presidência do pró-reitor de Graduação, criou em 1994 o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - Cepae, Unidade Acadêmica Especial da Universidade Federal de Goiás, vinculada à Pró-reitoria de Graduação da UFG, que passou a conter o Colégio de Aplicação.

Essa nova unidade acadêmica abrangeria e redimensionaria as atividades desenvolvidas pelo Colégio de Aplicação, no campo do ensino, da pesquisa e da extensão. Dessa forma, além de elaborar e desenvolver projetos, inclusive não convencionais, que visassem à melhoria de ensino nas escolas das redes municipais e estaduais, e servir como campo de estágio prioritário para os alunos das licenciaturas, deveria firmar-se como um centro de referência para a formação continuada de professores.

Quanto à organização pedagógica, em 1992 o Colégio de Aplicação apresentava três níveis de ensino: a Primeira Fase do Ensino Fundamental, que atendia alunos da primeira à quarta série, a Segunda Fase do Ensino Fundamental, que atendia alunos da quinta à oitava série, e finalmente o Ensino Médio, que atendia alunos do primeiro ao terceiro ano.

A Primeira Fase do Ensino Fundamental, objeto do presente artigo, também teve no início da década de 1990 um marco importante. As professoras que ministravam aulas de Português nas primeiras séries participaram e desenvolveram projetos de pesquisa que deram novo rumo à proposta de alfabetização do CA. A Prof.^a Esp. Zuleika Duarte Alves participou da pesquisa “Alfabetização como processo social complexo”, coordenada pela Prof.^a Dr.^a Silvia B. Braggio, docente da Faculdade de Letras/UFG, e a professora Esp. Lusinete Vasconcelos de Souza desenvolveu a pesquisa de mestrado “O sentido na produção de textos de crianças em fase de alfabetização”, também orientada professora Dr.^a Silvia B. Braggio e defendida em 1995. Nesse mesmo período, a professora Dr.^a Sônia Borges Vieira Motta, docente da Faculdade de Educação/UFG, desenvolveu na sala da Prof.^a Lusinete a pesquisa de doutorado “O quebra-cabeça: a instância letra na aquisição da escrita” orientada pela Prof.^a Dr.^a Cláudia Thereza Guimaraes de Lemos e defendida em 1995. Esses projetos foram decisivos para a compreensão do processo de aquisição da leitura e escrita em uma abordagem sociointeracionista, a partir das contribuições de autores como Vygotsky, Bakhtin entre outros. Essa perspectiva teórica modificou a que era até en-

tão adotada no C.A. que, segundo a professora Alves (1996), se constituía em uma perspectiva tradicional de alfabetização.

Em meados de 1991, vários professores vinculados a essa Fase de Ensino aposentaram-se, a maioria com formação em Língua Portuguesa e Matemática. Entre 1992 e 1995, praticamente todo o quadro de professores foi substituído, sendo que um número significativo dos concursados era graduado em Pedagogia, curso que havia reformulado sua proposta pedagógica e curricular com a defesa da formação do professor único em sala de aula. Ou seja, o pedagogo deveria assumir todas as disciplinas do currículo da Primeira Fase: Português, Matemática, Ciências, Estudos Sociais, incluindo, Arte e Recreação. Esse profissional seria também capaz de assumir cargos de gestão pedagógica e administrativa. O Cepae, entretanto, nunca adotou tal perspectiva.

Até 1992 cada série contava com quatro professores, um que ministrava as aulas de Português e Estudos Sociais e geralmente exercia a função de coordenador da turma, ou seja, o professor que atendia aos pais, que mediava situações conflituosas no grupo, organizava reuniões, conselhos de classe, atividades extraclasse, dentre outras; um professor que ministrava aulas de Matemática e Ciências; um professor de Educação Física e um de Artes Plásticas ou Música. Os professores se reuniam por série e por disciplina(s) que ministrava(m) para planejar as atividades. Não havia um dia específico que congregasse todo o grupo, a não ser quando era necessário programar alguma atividade que envolvesse todos.

O grupo de professores da 1ª Fase defendia a necessidade de haver reuniões de Fase e de planejamento das atividades para que a coerência teórica e didática fosse mantida por todos. As reuniões começaram a ocorrer semanalmente e congregavam todos os professores da 1ª Fase do Ensino Fundamental. Na reunião de Fase eram discutidos assuntos organizacionais sobre esse nível de ensino e eram realizados estudos sobre a teoria que sustentava o trabalho. Esses estudos possibilitaram estabelecer que a nomenclatura que melhor definia o aporte teórico que sustentava o trabalho do grupo seria a sócio-histórica-dialética, por ser essa a concepção que sustenta os estudos de autores como Bakhtin (1992), Vygotsky (1989, 1988), Leontiev (1988), Luria (1991), Braggio (1992), Freitas (1994), Smolka (1989) dentre outros, que subsidiavam o trabalho da Fase. As reuniões de planejamento eram realizadas com os professores de cada série, momento em que se discutiam as questões relativas ao processo de ensino-aprendi-

zagem e desenvolvimento dos alunos, bem como a discussão e elaboração das atividades semanais. Os professores de Artes e Educação Física que atendiam a mais de uma série, participavam dos planejamentos das séries em que atuavam.

Nessas reuniões, várias questões eram enfatizadas, tais como a necessidade de maior aprofundamento teórico-prático sobre a nova abordagem pedagógica que estava se instaurando na 1ª Fase; a ausência dos alunos estagiários do curso de Pedagogia; as dificuldades de aprendizagem dos alunos que acarretavam um incômodo número de retenções; o número de alunos nas salas de aula, considerado excessivo para que se pudesse oferecer atendimento de forma mais individualizada aos alunos, entre outras.

Objetivando aprofundar nas questões teóricas e sua vinculação com o trabalho desenvolvido, os professores passaram a dividir o tempo das reuniões em dois momentos, um para realizar estudos e outro para planejar as aulas e elaborar as atividades pedagógicas. Nesses momentos era possível refletir sobre o trabalho desenvolvido pela equipe.

Quanto à ausência dos estagiários do curso de Pedagogia da FE/UFG, essa questão se remontava à época em que o CA estava administrativamente vinculado à Faculdade de Educação como um departamento. A ausência era justificada em razão da incompatibilidade entre o horário das aulas da 1ª Fase e o horário das aulas dos alunos estagiários porque, como a 1ª Fase funcionava no período vespertino e as aulas na Faculdade de Educação aconteciam no período matutino, a Faculdade não poderia propor um estágio fora do período em que o aluno se havia matriculado. Em 1989 foi constituída uma Comissão, por meio da Portaria 030/89 (ALVES, 1996), para “Ampliação da 1ª Fase do Colégio de Aplicação”. A Comissão elencou como justificativa a necessidade de construção de um novo prédio que abrigaria a 1ª Fase no período matutino, possibilitando assim a vinda dos estagiários. O projeto da construção foi aprovado em 1989; entretanto, o prédio não foi construído. Apesar disso, alguns professores ligados ao estágio da FE/UFG desenvolveram atividades no CA, porém, de forma descontínua, por depender da conciliação de horário dos alunos. Em 2005 o prédio da 1ª Fase foi inaugurado, iniciando um novo momento na história do Cepae, quando as atividades de ensino passaram a ser realizadas no período matutino. Contudo, a despeito de o coletivo de professores da 1ª Fase aprovar, anualmente, a abertura do campo de estágio aos alunos

da Pedagogia, de a coordenação pedagógica reunir-se, por diversas vezes com a coordenação de estágio da FE/UFG – mesmo com a participação dos diretores de ambas as unidades acadêmicas –, esse estágio ainda não se efetivou de maneira formal e regular.

Quanto às questões relativas às dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos, várias foram as tentativas de solução. Por exemplo, apontava-se como hipótese que, para melhorar o nível de aprendizagem dos alunos, seria necessário criar salas que atendessem o nível pré-escolar e diminuir o número de crianças nas salas das 1^{as} e 2^{as} séries, que à época era de trinta (30) alunos.

Acreditava-se que o processo de alfabetização iniciado na pré-escola, na perspectiva teórica trabalhada pelo Colégio, possibilitaria aos alunos ter melhor desempenho escolar nas demais séries. Conforme Alves (1996), em 1993 a direção do CA acatou as reivindicações dos professores da 1^a. Fase e conseguiu, junto ao MEC, a construção de duas salas de aula e a contratação de duas professoras para atender aos alunos em nível pré-escolar. Assim, a partir de 1994 o Cepae passou a matricular quarenta (40) crianças na faixa etária de cinco (5) anos e meio, para esse nível de ensino. Dessa forma os professores puderam desenvolver proposta de alfabetização e letramento com base nos pressupostos sócio-históricos.

Nas reuniões pedagógicas avaliava-se que as crianças da pré-escola apresentavam desempenho escolar qualitativamente superior ao das crianças que entravam nas séries seguintes, sem ter frequentado a pré-escola no Cepae. O domínio da linguagem oral e escrita, o bom desempenho no raciocínio lógico-matemático, bem como suas participações e argumentação nas discussões sobre conceitos científicos comprovavam as análises realizadas pelos professores. Tal resultado validou a hipótese anteriormente levantada pelo grupo sobre a importância de o Colégio dispor de salas de pré-alfabetização.

Para atender ao objetivo de diminuir de trinta (30) para vinte (20) o número de alunos nas primeiras e segundas séries, sem diminuir o número de vagas ofertadas, como era exigido pela Universidade, era necessário dividir os sessenta (60) alunos em três (3) salas, ficando cada uma com vinte (20) alunos, número que o grupo entendia como sendo satisfatório. Porém, para isso era necessário ampliar o número de professores, o que era inviável. Buscando solucionar esse problema o grupo de professores tomou a decisão de assumir quatro (4) das disciplinas que compunham a grade

curricular, excetuando Artes e Educação Física, que continuaram a ser ministradas pelos professores da área. Com essa medida o Colégio atendeu a duas necessidades: a de diminuir o número de alunos nas séries iniciais e a de se adequar, em parte, à proposta do curso de Pedagogia de que as aulas fossem ministradas por um único professor. Acatava-se assim, a um dos critérios apontados pela Faculdade de Educação para que essa unidade acadêmica pudesse enviar os alunos estagiários ao Colégio. Entretanto, essa decisão implicou em uma sobrecarga de trabalho para os professores que passaram a ministrar vinte (20) horas/aula semanais, a planejar e a elaborar atividades para quatro (4) disciplinas, além de desenvolverem atividades ligadas à pesquisa e extensão.

PESQUISA E EXTENSÃO NA 1ª FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Os professores da 1ª Fase, ao assumirem ministrar quatro (4) disciplinas do currículo (Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências), constataram, nas reuniões de Fase, que o ensino tinha como foco a Língua Portuguesa e Matemática, o que secundarizava as demais disciplinas. O grupo decidiu, então, aprofundar os estudos nas demais disciplinas começando por Ciências. Dessa forma, a maioria dos professores participou de 1992 a 1993 do Projeto de Pesquisa “O ensino de Ciências numa abordagem construtivista-interacionista”, coordenado pela Professora Dr^a. Vera Maria de Moura Almeida e pelo Professor Dr. Alfredo Antônio Saad, ambos pertencentes ao quadro de professores da Faculdade de Educação da UFG. O objetivo principal do projeto era elaborar atividades que possibilitassem aos alunos “ter real interação com o objeto de estudo” (Alves, 1996). Objetivava-se também confrontar as teorias de Piaget e Vygotsky, bem como suas contribuições para o ensino da disciplina em estudo. Esse projeto, a exemplo dos que foram desenvolvidos na área de Português, apontou para a necessidade de se desenvolver mais pesquisas vinculadas ao processo de ensino-aprendizado.

A partir de 1994, com a criação do Cepae, houve maior exigência de que os professores desenvolvessem ensino, pesquisa e extensão, o que resultou na elaboração e desenvolvimento de um projeto de pesquisa coordenado pela professora Maria Mitsuko Okuda, presidente do Centro de Seleção da UFG, à época, voltado para demonstrar a importância da pesquisa e da formação de novos pesquisadores no Cepae. Os professores

vinculados à 1ª Fase também participaram dessa pesquisa. A partir dessa experiência, vários professores, incluindo alguns servidores técnicos, passaram a elaborar seus projetos de pesquisa para se inscreverem em programas de pós-graduação.

O Cepae foi se firmando no cenário da UFG, enquanto unidade acadêmica especial, e os professores da 1ª Fase aprofundaram seus estudos por meio do ingresso em cursos de pós-graduação em nível de especialização, mestrado e doutorado na UFG, bem como em outras universidades do país. Essa experiência da busca por ampliação da formação acadêmica fez com que os professores verticalizassem seus estudos em áreas específicas, com vistas a uma melhor compreensão do fenômeno educativo.

Do ponto de vista da extensão, diversos projetos passaram a ser elaborados e desenvolvidos pelo Cepae, com a contribuição do coletivo de professores da 1ª Fase, como, por exemplo, os desenvolvidos em parcerias com algumas prefeituras de municípios goianos: Córrego do Ouro, Trindade, Hidrolândia, Petrolina e mesmo no Município de Goiânia por meio de convênios com a Associação dos Servidores da Universidade Federal de Goiás – Asufego/UFG e com a Secretaria Estadual de Educação de Goiás.

Na década de 1990, a 1ª Fase pôde experimentar um avanço significativo na inter-relação com a sua concepção teórica e os projetos desenvolvidos junto à comunidade. Diversas iniciativas desse coletivo de professores, cuja preocupação apontava para a contribuição do Cepae no processo de formação de novos professores, têm se mantido e foram ampliados com a participação de todos os professores do Cepae. Nesse sentido, houve a elaboração de diversos projetos de extensão, iniciados em 1994, tais como o 1º Encontro de professores da 1ª Fase do Ensino Fundamental, realizado pelo Cepae na Faculdade de Educação da UFG, que se transformou no Encontro de Educadores do Ensino Básico – Eneeb, com encontros Bienais organizados pelo Cepae. A Festa da Família que tem como foco a busca da interação escola-família (Alves, 1996), a Festa da Chuva, projeto interdisciplinar que está voltado para a construção de uma consciência ambiental, com a participação dos alunos da 1ª Fase e que também se estendeu para as demais fases de ensino do Cepae. Essas três iniciativas da 1ª Fase, dentre outras, foram importantes para consolidar o trabalho político-pedagógico desenvolvido pelo Cepae com a sociedade.

NOVA ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVO-PEDAGÓGICA NO CEPAE

O Cepae de 1994 até 2002 estava estruturado em Fases de ensino que se organizavam em áreas e subáreas. A área da 1ª Fase era composta por professores que ministravam aulas em mais de uma disciplina (Português, Estudos Sociais, Ciências e Matemática). Os professores de Artes e Educação Física, que atuavam na Fase, ministravam suas disciplinas específicas e faziam parte da área de Comunicação e Artes. A 2ª Fase e Ensino Médio eram estruturados pelas seguintes áreas e subáreas: área de Comunicação e Artes, composta pelas subáreas de Português, Educação Física, Artes e Línguas Estrangeiras; área de Ciências, que congregava as subáreas de Biologia, Química, Física e Matemática e a área de Ciências Sociais e Filosofia que reunia as subáreas de Sociologia, Filosofia, Geografia e História.

A Direção do Cepae, visando à construção de um formato administrativo único, que agregasse os professores do Centro e que possibilitasse maior interação entre as Fases de Ensino propôs, a partir de 2002, algumas mudanças em seu regimento. Dentre elas, extinguiu a área da 1ª Fase, e cada professor, devido à verticalização de seus estudos e por afinidade com uma das disciplinas que ministrava, optou por fazer parte de uma das subáreas existentes no Cepae e conseqüentemente a uma das áreas de conhecimento. O Conselho Diretor foi mantido como instância máxima deliberativa no âmbito do Cepae.

A Direção do Cepae, visando à construção de um formato administrativo único que agregasse os professores do Centro e que possibilitasse maior interação entre as Fases de Ensino propôs, a partir de 2002, algumas mudanças em seu regimento. Dentre elas, extinguiu a área da 1ª Fase e integrou seus professores às diversas subáreas e áreas de conhecimento mantendo o Conselho Diretor, que se constituiu como última instância deliberativa no âmbito do Cepae. Dessa forma, cada professor da 1ª Fase, devido à verticalização de seus estudos e por afinidade com uma das disciplinas que ministrava, optou por fazer parte de uma das subáreas existentes no Cepae e conseqüentemente a uma área.

Com essa mudança, ocorreu também uma alteração nas nomenclaturas das áreas, que passaram a ser assim designadas: área de Comunicação, área de Ciências Humanas e Filosofia, área de Ciências da Natureza e Matemática.

Essa mudança significou a extinção da organização do Cepae em Fases de Ensino. No âmbito da nova organização pedagógica, a inclusão dos professores da 1ª Fase nas subáreas e áreas de conhecimento fez com que eles passassem a ministrar aulas em uma determinada disciplina. A experiência de sete (7) professores por turma, o que corresponde ao número de disciplinas no currículo da 1ª Fase, inicialmente foi efetivada; porém, a análise da experiência demonstrou a dificuldade dos alunos em lidar com a presença de tantos professores e disciplinas nos anos iniciais. Preocupada com a singularidade do processo de aprendizado e desenvolvimento das crianças na faixa etária de cinco (5) anos e meio a oito (8) anos, isto é, do pré-escolar à 2ª série, do Ensino Fundamental de oito (8) anos, a Fase deliberou que nessas séries, dois professores lecionariam mais de uma disciplina, mesmo estando vinculados a uma única subárea, o que reduziria para quatro (4) o número de professores por turma. A coordenação da turma ficaria a cargo de um dos professores com mais tempo junto aos alunos, o que lhes propiciaria tê-lo como referência. Os professores de Artes e Educação Física continuariam trabalhando com suas disciplinas específicas.

Com a incorporação dos professores da 1ª Fase nas diversas subáreas, foram envidados esforços para que se construísse uma proposta de ensino com concepções teóricas coerentes com as atividades desenvolvidas do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Em algumas subáreas foi possível haver maior verticalização nos estudos a elas concernentes.

O desafio, entretanto, passou a ser a manutenção de uma perspectiva interdisciplinar do processo educativo na 1ª Fase. Os professores continuaram a sentir a necessidade de discutir questões pedagógicas concernentes à singularidade do trabalho realizado com a infância. Porém, conforme explicitado anteriormente, a nova organização implicaria na existência de reuniões somente nas subáreas, áreas e Conselho Diretor. Os professores, da 1ª Fase, no entanto, mantiveram as reuniões com os pares da série para planejar e elaborar atividades a serem desenvolvidas com os alunos. Também conservaram as reuniões administrativo-pedagógicas de Fase, que congrega seu coletivo de professores, com vistas a uma ação didático-pedagógica integradora e interdisciplinar. Essas reuniões objetivam firmar a identidade do trabalho desenvolvido com as séries iniciais do Ensino Fundamental. Elas demonstram, na prática, que a organização da 1ª Fase

em subárea e área parece não atender às suas necessidades de organização administrativa e pedagógica.

A realidade tem apontado que, quando os professores da Fase levam questões a ela pertinentes para serem discutidas nas reuniões de subárea e área, diferentes encaminhamentos têm sido propostos nessas reuniões, o que tem gerado uma dificuldade na articulação do trabalho desenvolvido pela Fase como um todo. Ou seja, deliberações tomadas nas reuniões de Fase têm sido questionadas nas reuniões das subáreas, áreas e vice-versa.

Para resolver tal situação, desde o primeiro semestre de 2009 os professores que atuam na 1ª Fase têm discutido o papel das subáreas e áreas. Eles aceitam essas instâncias como lócus de estudos, mas reafirmaram a necessidade de manutenção de um fórum específico e deliberativo para tratar das questões relativas à Fase.

CONCLUSÃO

A 1ª Fase do Ensino Fundamental do Cepae tem vivenciado nos últimos anos um momento histórico singular. Assim como aconteceu entre 1991 e 1994, ela tem recebido novos professores. Diferentemente daquele período, a maior parte dos docentes não são pedagogos. Eles têm procurado compreender a proposta pedagógica dessa Fase de Ensino, têm contribuído muito para o repensar do trabalho pedagógico e também têm aprendido sobre os princípios que norteiam o cotidiano da 1ª Fase, que valoriza o diálogo e o respeito aos alunos, que procura compreender a infância em sua singularidade e tem a escola como um lugar privilegiado para a aquisição de conhecimentos de forma crítica, reflexiva e criativa.

Nas reuniões de Fase e de planejamento os professores têm, formalmente, a oportunidade de apreender os princípios elencados anteriormente, uma vez que nessas instâncias a 1ª Fase historicamente discute suas questões teórico-práticas e toma decisões de forma coletiva. O reconhecimento da importância dessas reuniões é demonstrado com a efetiva presença e participação dos professores. No entanto, essa forma de articular e desenvolver o trabalho tem se fragilizado, porque esse fórum perdeu seu caráter deliberativo em favor das subáreas e áreas conforme explicitado anteriormente.

Para a 1ª Fase manter sua identidade, seus princípios e sua coerência historicamente constituída, é fundamental que tenha um fórum próprio, que congregue as preocupações, discussões e reflexões do coletivo da Fase e que seja uma instância deliberativa, o que implicaria em mudanças no regimento do Cepae. Para desenvolver tal proposta foi constituída, em 2010, uma comissão que tem como objetivo propor formas de organização administrativa e pedagógica para a Fase.

Reunir professores de diferentes Fases em diferentes subáreas e áreas teve como uma das justificativas possibilitar ao Cepae constituir-se como “escola única”. Mas será que essa modificação tem tornado o Cepae uma escola única? O que é escola única? Qual o sentido desse conceito para o Cepae? Seria necessária a agregação dos professores da 1ª Fase nas subáreas/áreas para se construir esse conceito de escola única? Que implicações político-pedagógicas ocorreram após essa mudança? As subáreas/áreas têm conseguido dialogar entre si, com vistas à elaboração de uma proposta interdisciplinar? As reuniões de planejamento na 1ª Fase têm conseguido articular o trabalho didático de modo interdisciplinar?

Acreditamos que o conceito de escola única pressupõe a compreensão da necessidade de se perceber e respeitar a singularidade das propostas pedagógicas específicas para os diversos níveis de ensino, que lidam com alunos em diferentes faixas etárias, o que pressupõe trabalho pedagógico com propostas diferentes. O que pode unir uma escola é o diálogo respeitoso entre as diferentes concepções sobre a escola, a sociedade, o aluno, o professor, o que propiciaria a reflexão sobre essas compreensões no sentido de torná-la mais coerente frente aos problemas e desafios que o cotidiano escolar oferece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Z. D. *A minha trajetória pelo C.A., hoje CEPAE/UFG, e uma tentativa de análise da prática pedagógica por mim vivenciada*. Memorial. Goiânia. Go: Mimeo. 1996.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia de linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BRAGGIO, L. S. B. *Leitura e alfabetização: da Concepção Mecanicista a Sociopsicolingüística*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

FREITAS, M. T. de A. *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. Campinas: Papirus, 1994 (Col. Magistério Formação e Trabalho Pedagógico).

LEONTIEV, A. N. O princípio Psicológico da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKII. L. S., LURIA, A. R. e LEONTIEV Alexis N. *Linguagem Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo - SP: Ícone, 1988.

LURIA, A. R., et al. *Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. Trad. Rubens Eduardo Frias. 1. ed. São Paulo: Moraes Ltda, 1991.

SMOLKA, A. L. B.. *A criança na fase inicial da escrita*. São Paulo: Cortez, 2. ed. 1989. (Col. Passando a limpo).

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Col. Psicologia e Pedagogia).

_____. LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988.